

# Covardia é o verdadeiro nome da violência

*Em Brasília a mulher vem denunciando as agressões com coragem*

**Natal Eustáquio**

**E**m mulher não se bate nem com uma flor". Ao expressar esta máxima Vinícius de Moraes o *Poetinha*, sintetizou a sua admiração pelo chamado "sexo frágil" e imortalizou todo o carinho e a ternura que dispensava às mulheres. Caso estivesse vivo, Vinícius certamente se enojaria da sua condição de "sexo forte" ao tomar conhecimento das brutalidades que os ditos "homens" ainda hoje praticam contra a mulher. A violência contra o sexo feminino — entendida aqui como agressão física, sem incursionar por outras facetas da discriminação ainda existentes — está cada vez mais presente em nossa sociedade e diariamente a imprensa noticia casos de espancamento de mulheres, alguns extrapolando os limites da crueldade e da covardia. Mas truculência física do homem — sem generalizar, porque há exceções — não se restringe a uma camada da população, como muitos podem pensar.

Ela revela-se nos mais diferentes estratos sócio-culturais, agrupando raças, credos e condições econômicas diferentes. As vítimas também são as mais variadas possíveis, estando até mesmo nos "melhores" meios sociais. E diga lá a jornalista Consuelo Badra, que há alguns anos foi violentamente agredida pelo seu então companheiro Venâncio Jr, o Venancinho. Mais recentemente foi a vez da deputada rondoniense Raquel Cândido.

Críticas à Justiça à parte, a verdade é que a grande maioria dos agressores continua na impunidade e a viver a sua vida normalmente. O Venancinho, por exemplo, há pouco selou um grande casamento com a filha da baronesa de Waldner e fincou pé na aristocracia francesa. O deputado Nobel de Moura, que agrediu sua colega Raquel Cândido, deve ser punido apenas com uma suspensão temporária na Câmara por decoro parlamentar. Nada mais.

Dramática mesmo é a situação de algumas vítimas que continuam sofrendo os efeitos da agressão. Caso daquelas que ficaram com alguma deficiência física em consequência da violência. O drama da bioquímica de Fortaleza, Maria da Penha Maia Fernandes, ilustra bem esta situação, pois ela foi vítima de tentativa de homicídio por parte de seu esposo, o economista Marco Antônio Viveros. Em consequência do crime Maria da Penha ficou paraplégica aos 38 anos.

Julgado no último mês de abril, Marco Antônio foi condenado a 15 anos de reclusão mas beneficiou-se com a redução de um terço da pena por ser réu primário. A Justiça, no entanto, não obrigou o agressor a conceder nenhum tipo de indenização à vítima, que hoje sobrevive com a ajuda dos pais e irmãos e os proventos de uma reduzida aposentadoria do Instituto de Previdência do Estado do Ceará, onde trabalhava à época do crime.

